

folha n. 1. 2. 3. 4

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

Editor e proprietario—J. D. de Azevedo.

ANNO III.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 20000 por trimestre, na casa do proprietario, rua do Machado n. 12. As assignaturas são pagas adiantadas.

NUMERO 5.

O DOMINGO.

S. LUIZ, 1 DE FEVEREIRO DE 1874.

A questão religiosa assoma cada vez mais feia. A nuvem que toldava a transparência do céu, principalmente de tres provincias Rio, Pernambuco e Para, desnovelando-se, dilata-se e parece querer envolver todo o imperio.

Nos nossos horisontes apparece já um ponto negro que ameaça a derrota do nosso barco com uma tempestade medonha. *Cuidado homem do leme!*

Desculpem-nos nossos leitores si, temperamos estas linhas, a guiza de artigo de fundo, com alguns saibos humoristicos. Sabemos:—o caso é serio e muito serio! A nossa provincia que fugia de entrar na liça, travada entre o governo e os bispos brasileiros, é impellida agora a tomar parte nella. E, notae, a provocação parte d'elles, dos jesuitas; tão insensatos são que, sem consciencia da sua traqueza, atirão-nos a luva arrogantemente.

Frei Celestino, C. C., T. G., convidão-nos a uma batalha; aquelle com arrogancia serve-se do pulpito para assacar a nossa pacifica população, atacando os seus legitimos órgãos, insultos a sua dignidade; C. C. com estylo bonito e orthodoxo, negando a authority do governo, na ques-

ção vigente, exalta o jesuitismo e glorifica os recalcitrantes Frei Vital e D. Antonio; e T. G. nem vale a pena dizer o que quer este Sr. Mas nada disto é tão serio como os acontecimentos de Caxias.

O Sr. Padre Brito abriu guerra a maçonaria d'aquella cidade e feias scenas já se derão movidas por uma tão ultramontano vigario!

Ainda bem que uma tremenda lição acaba de ser dada pelo governo ao prelado pernambucano.

Não é o bastante, mas é alguma coisa para por de sobre aviso os sectarios dessa seita tremenda que mina os alicerces da dignidade nacional.

Dissemos que não é o bastante, e assim é, porque a prisão do bispo D. Vital está-lhe sendo talvez mais *confortavel* do que os paços do palacio episcopal. Deus! meu Deus inspira os nossos proceres, illuminae os representantes da Nação, para que promovão a completa separação do Estado da Igreja Romana, que é um verdadeiro pesadello para o nosso progresso pois está provado que, aquelles a quem confiastes a guarda do rebanho, abandonando o caminho que lhes apontastes, querem somente a ignorancia dos povos sobre a qual só assenta bem a theocracia.

Eu até tinha um magnifico ponto para tratar, e, quando na quarta-feira à noite recebi um recado do amigo redactor pedindo o folhetim, metti mãos à obra e entrei à compo-

Tratava eu de um ponto até aqui pouco explorado em materia de folhetim e vinha à ser a tendencia muito pronunciada dos maranhenses para a pratica dos dogmas republicanos na parte relativa a igualdade.

E' notavel isto. O Maranhão, provincia considerada muito amante da monarchia, navel os costumes, as casas e as roupas de uma maneira tal, que é para e-tran-har.

Não ha um edificio publico que não ostente uma architectura bicuda, quero dizer, fachada triangular, uma columna de cada lado e, quando Deus quer, mais uma columna no bico, com a base para cima.

Se um negociante descobre uma melgueira como a exportação do côco habassú, não ha mais firma commercial que não embärke mi-

CORRESPONDENCIA DO DOMINGO.

Côrte.

1874—43 de janeiro.

Escrevo-lhes a tremer, estimadissimos leitores; a atmosphera parece que me cheira a polvora queimada; o sussurrar do vento se me afigura um sibilar de ballas, o cantar dos gallos da-me nos ares do troar estridulo da corneta bellica; o apregoar do vendilhão que passa pela rua como que é a voz animadora de um chefe de divisão! A guerra bate-nos às portas, escancara-nos as fources, faz-nos fousquindias e exige-nos o sacrificio penoso de nosso sangue e de nosso dinheiro.

Os argentinos provocam-nos: miseraveis cordeiros vêm atirar-se as garras do leão do sul. Isto por amor de motivos, de cuja exhibição occupar-se ha ali sem dívida um jornal de me-nos circumscripta área que o *Domingo*.

—O bispo de Pernambuco, ha muitos dias annunciado pelo cabo-submarino, cá chegou hontem; está preso, ou para melhor dizer está solto no arsenal de marinha, onde occupa o melhor aposento. Melhor fóra mandal-o para o hotel *Rivot*.

—A' fallar nisso: ao desembargador Pontes Vi gueiro foi ha poucos dias marcado um curto prazo para defender se da trem nda accusação que sobre elle paira.

—Noventa e tantos, benevolentes leitores! Noventa e tantos senhores tomaram o grau de doctor em medicina!...

Ah! Bocage! Bocage! Si fosses vivo ainda que honro epigramma perderias se não aproveitasses semelhante assumpto!

lhares e milhões de côcos ainda mal brotados na palmeira.

O primeiro empregado publico que vestio blusa de botões dourados e poz bonet com letras bordadas, servio de figurino à todos os outros. Hoje não se distinguem os empregados do corte dos do thesouro, e estes dos guardas d'alfandega; a lei da igualdade faz de todos ellas um enorme batalhão de... empregados publicos, sem distincção de classes nem de repartições, á não ser a differença das iniciaes do bonet.

Eu, como já virão, entusiasta fogueo, partidario acerrimo da igualdade, seja de classes ou de bonets, terminava o meu folhetim com um:—Viva a igualdade!—quando batem-me á porta do quarto.

Era o Sr. Augusto Gabriel, traductor de novellas de seis capitulos e que de certo tempo para cá tem botado as manguinhas de fora, de modo que já não sabe *Domingo* que não traga

FOLHETIM DO RODA-PÉ.

Falta justificada.

Faltei à minha palavra, mas affianço que foi contra a vontade.

Ainda no segundo folhetim comprometti-me á escrever-los todos os domingos e logo no terceiro sabe o jornal sem folhetim.

Concordo que isto desmoralisa e d' sacre-rita um homem; convenho que não ha nada peor do que um escriptor mentiroso; mas, o que falta, quando ha uma casta de escriptores ainda abaixo dos mentirosos; escriptores humildes e cheios de fatridade?

Pois foi devido á um d'estes que deixei d' escrever o folhetim de domingo passado.

Muitos julgarão talvez que me falhasse o assumpto ou que me arrefecesse o animo.

Pois enganarão-se.

—Foi nomeado secretario dessa provincia o Dr. Aristides Augusto Coelho de Souza, aquelle deputado baixo que usa *poince-nez* e que em uma congratulação ao Sr. Silvino diz-se que o tempo *vão tão logo que nem o mar leve pescadinho o póde apoucar*.

Para ser feita semelhante nomeação, foi concedida a exoneração que do mesmo cargo pediu o Dr. Antonio Pedro Ferreira Lima.

—Foi nomeado o vice-presidente dessa provincia o Dr. Luiz da Costa Barradas, em substituição ao Dr. José da Mota Martins Costa, que foi lá para Minas.

Tem feito muito calor, o que tem dado muito extração aos boques e as cajadas (limonadas de cajá geladas)

—Organisaram na villa — Isabel um *Theatre de l'été* ou por outra um *café cantante*, onde estreou no *Mercado e a pobre*, com o Hurbain artista ahí conhecido, D. Olinda Reis, comprimeana da leitura si for maranhense.

E nada mais

Elég. o hecéc.

A MOSCA.

ALFRED DE MUSSET.

(Continuação do n. 4.)

IV.

—Ella me protegerá, ella virá em meu socorro! Ah! quanta razão tinha o abade em dizer que um olhar decidiria da minha vida! Sim, aquelles olhos penetrantes e doces, aquella bocca ironica e deliciosa, aquelle pesinho afogado em laços... E' a minha boa fada!

E assim pensava, quasi em voz alta, o cavalheiro, voltando ao albergue. D'onde lhe viera esta subita esperanza? Fallaria sómente a sua mocidade ou os olhos da marquesa fallarão?

Elle gastou uma grande parte da noite em escrever á menina d'Anchault uma carta pouco mais ou menos igual á que fôra lida pela Senhora de Pompadour.

Relatar essa carta seria inutil. A' não

no fim de duas ou tres massantes columnas assignatara do tal senhor

Agora anda elle ás voltas com Alfredo de Musset e traduz o episodio da epocha da marquesa de Pompadour — *A mosca*

Até aqui nada lhe achou de máo. E' até muito louvavel que elle procure tomar parte nos enaios literarios da mocidade maranhense, e escreva portanto o seu bocadinho para a gazeta.

Mas o que realmente depõe contra a lealdade do traductor é o liro da visita que me fez.

Depois dos cumprimentos do stylo, diz-me elle que vinha pedir-me o obsequio de não escrever folhetim para o proximo domingo, attendendo á que, sendo demasiado longo o capitulo de sua traducção, occuparia muito espaço e elle não desejava por forma alguma dividir-o.

Eu resisti por algum tempo, porque era realmente um descredito para mim, ha pouco es-

ter os tolos, só os nomeados julgão dizer novidades repetindo sempre a mesma cousa.

Logo pela manhã o cavalheiro sahio e poz-se a percorrer as ruas, meditando. Não lhe veio a lembrança recorrer ao abade protector e não é facil de dizer o que o impedia. Era uma mistura de receio e audacia, de vergonha e de remanesco. E, com effeito, o que lhe diria o abade; ao saber do incidente da vespera?

—O Sr. chegou a proposito para ajuntar um leque; soube aproveitar-se? O que disse á marquesa?—Nada.—Devia lhe ter fallado.—Eu estava perturbado, perdi a cabeça.—Isto é máo; é preciso saber tirar partido das occasiões; mas isto é remediavel. Quer que o apresente ao senhor fulano? é um dos meus amigos; á senhora tal? ainda será melhor. Eu procurarei faze-lo chegar á esta marquesa que lhe faz medo e desta vez, etc etc.

Ora, isso é que o cavalheiro não queria. Parecia-lhe que, contando a sua aventura, ia, por assim dizer, machal-a, despoetisa-la. Elle pensava que o acaso tinha feito uma cousa mandita e incrível, que devia ser um segredo entre elle e a fortuna; confiar esse segredo á outrem, era, á seu vêr, tirar-lhe todo o valor e mostrar-se indigno d'elle.

—Eu fui hontem só ao castello de Versailles, dizia elle; eu irei só á Trianon (era n'aquelle tempo a residencia da favorita).

Este modo de pensar pode e deve mesmo parecer extravagante aos espiritos calculistas, que nada desperdiçam e deixão o menos possivel ao acaso; porém, as pessoas mais frias, se forão jovens (porque nem todos o são, mesmo durante a mocidade), podem conhecer o sentimento romantico, fraco e corajoso, perigoso e seductor, que nos arrasta para o destino:

treado na carreira das letras, quebrar subitamente a minha promessa; e isto por causa de uma descripção de Versailles, da preguica de Luiz XV e de um leque cahido!

Mas o moço pediu com tão bons modos, instou por tão bellas maneiras, que a resistencia cahiu de men lado e cedi. Eu tenho minha queda para a sensibilidade. O Sr. Augusto Gabriel fallou-me do genio infeliz de Alfredo de Musset e tratou com tal enthusiasmo das suas inspiradas produções, de *Jaques Rolla*, de *Nassau*, das *Noites do poeta*; enfim, commoveo-me ás lagrimas, e, quando elle acabou de formular o seu pedido, eu cahia-lhe nos braços, depois de ter feito em pedacos o folhetim já escripto.

Acreseo ainda um motivo que será sem duvida bem acolhido pela leitora benevolente. O amigo Augusto Gabriel, typo correspondente ao personagem do mesmo nome creado por Julio Diniz, confessou-me que certa proprietaria de uns bonitos olhos e estava ansiosa por lér a *Mos-*

seuintimos nos cegos por nossa propria vontade; não sabemos onde vamos, mas avançamos. O encanto está n'este descuido, n'esta ignorancia mesmo: é o praser do artista que seisma, do amante que passa noites debaixo da janella da amante; é tambem o instinto do soldado, e sobretudo o do jogador.

O cavalheiro, quasi sem o saber, havia tomado a estrada do Trianon. Sem estar muito enfeitado, como então se dizia, não lhe faltava elegancia, nem certas maneiras que fazem com que um laçao nos encontrando, não nos pergunte onde vamos. Não lhe foi, pois, difficil, graças á indicações tomadas na estalagem, chegar á grade do castello, se assim se pôde chamar a caixinha de marmore, que antigamente vio tantos prazeres e enojos. Infelizmente estava fechada a grade, e um guarda suisso, vestido de um simples casaco, passeava, com as mãos para traz, na avenida interior, como quem não espera pessoa alguma

—O rei está aqui! disse consigo o cavalheiro, ou a marquesa sahio. Evidentemente, quando as portas estão fechadas e os criados passeião, ou os amos estão recolhidos ou sahirão.

O que fazer? Se um momento antes elle sentia confiança e coragem, n'aquelle occasião experimentou perturbação e desajuntamento. Este unico pensamento: «O rei está aqui!» o amedrontava ainda mais do que na vespera estas tres palavras: «O rei vai passar!» porque então era imprevisito e agora já elle conhecia o frio olhar da impassivel magestade.

—Ah! meu Deus! com que cara ficaria eu se, entrando estouvadamente n'este jardim, fosse me achar em frente do monarcha soberbo, tomando café a margem do regato?

E passou pela vista do pobre namora-

ca, e que era este o mais forte motivo que o impellia á vir procurar me.

Eis, portanto, justificada a minha falta.

A principio, confesso que me revoltou sobre modo tal procedimenta, mas o moço falla de tal maneira que não ha quem se lha possa oppôr. Cedi, e cedi de muito bom grado, e, se no principio d'este folhetim alguma palavra aspera fere ao Sr. Augusto Gabriel, hoje meu intimo amigo e collega, peço-lhe desculpa.

A incognita Dulcinéa do amigo traductor satisfiz o seu justo desejo e os demais leitores do *Domingo* talvez dessem um suspiro de satisfação ao encontrarem o enosso folhetim que lhes terá elly mado o somno depois de jantar.

E, agora mesmo, parece-me que o que está lendo o que acabo de dizer, deixa pender os braços e diz com um ar maganão:

—Como elle se conhece!...

do a sombra desagradavel da Bastilha; em vez da imagem encantadora da riqueza passando e sorrindo, elle viu torres, masmorras, pão negro, agua pessima; elle sabia a historia de Lutade. A propeção que vinha a reflexão, fugia a esperança.

—E entretanto; pensava elle ainda, eu não faço mal nem tão pouco o rei! Reclamo contra uma injustiça; nunca satyrissei ninguém. Hontem receberam-me tão bem em Versailles e os criados erão tão polidos! Da que sinto eu medo? De fazer tolices. Eu farei outras que repararão aquella.

Elle chegou-se a grade e empurrou-a com o dedo; não estava fechada. Elle abriu-a e entrou resolutamente. O suíço voltou-se zangado.

—O que quer o senhor? onde vaa?

—Vou fallar á senhora de Pompadour.

—Alcançou audiência?

—Sim.

—Onde está a sua carta?

Já não era o marquesade da vespera, e, d'esta vez, não havia mais duque de Aumont.

O cavalheiro abaixou tristemente os olhos e viu que suas meias brancas e suas fivelas estavam cobertas de pó. Elle tinha commettido a falta de vir á pé á um lugar onde não se andava. O suíço abaixou os olhos tambem, e observou-o, não da cabeça aos pés, mas dos pés a cabeça. A casaca pareceo-lhe boa, mas o chapéo estava um pouco sarrado e a cabelleira sem pó:

—O Sr. não traz carta.

O que quer?

—Desejo fallar á senhora de Pompadour.

—Deveras! Então pensa que isso é só assim?

—Não sei. O rei está ali?

—Talvez. Queira sair e deixar-me socego.

O cavalheiro não queria encolerisar-se, mas, contra a sua vontade, esta insolencia o fez empallidecer.

—Tenho dito algumas vezes a um laçao que sahia, respondeo elle, mas um laçao nunca m'o disse.

—Laçao! eu? que laçao! exclamou o suíço furioso.

—Laçao, porteiro, criado, servente, tudo é o mesmo, pouco me importa.

O suíço deo um passo para o cavalheiro, com os punhos crispados e o rosto afogueado. O cavalheiro, á vista da ameaça, levantou de leve os copos da espada.

—Cuidado, disse elle, eu sou gentilhomem e custa trinta e seis libras para verme livre de um bruto da sua laia.

—Se o Sr. é gentilhomem, eu pertenco ao rei e não faço mais que o meu dever; não pause.....

Neste momento o som de uma trompa, que parecia vir do bosque de Satory; ouviu-se ao longe e perdéo-se no echo.

O cavalheiro deixou cair a espada na bainha, e, não cuidando mas na disputa começada:

—Diabo! disse elle, é o rei que parte para a caça. Porque não me disse logo?

—Isso não é de minha conta, nem da sua.

—Escute, meu bom amigo.

O rei sahio, eu não tenho carta, não tenho audiencia. Aqui tem para beber, deixe-me entrar.

E puchou de algumas moedas de ouro. O Suíço encarou-o novamente com soberano desprezo.

—O que é isto? disse elle desdenhosamente. E' assim que se procuras introduzir na residencia real? Em lugar de fazel-o sair, veja lá que eu não o prenda.

—Tu, grande patife! disse o cavalheiro, outra vez colérico e retomando a espada.

—Sim, eu, repitio o homenzarão.

Porém, durante esta pendencia, em que o historiador lamenta ter envolvido o seu heroe, espessas nuvens obscurecerão o céo; prepara-se uma tempestade. Brilhou um rapido relampago, seguido de um grande trovão, e a chuva começou a cair pesadamente. O cavalheiro, que ainda segurava as moedas, viu uma gota d'agua, grande como um escudo, sobre o seu sapato empoeirado.

—Peste! disse elle, procuremos um abrigo. Nada de molho.

E dirigio-se ás carreiras para o antro do Cerbéro, isto é, para a casa do porteiro; e ali, sentando-se sem cerimonia na cadeira do proprio porteiro.

—Meu Deus! como você me aborrece! disse elle, e como sou infeliz! Você toma-me por conspirador e não comprehende que eu trago no bolso um *placet* para Sua Magestade! eu sou da provincia, mas você não passa de um tolo.

O Suíço, por unica resposta, foi buscar á um canto a hallabarda e deixou-se ficar em pé, de arma em punho.

—Quando se querera ir embora? exclamou elle com voz de Stentor.

A questão, duas vezes principiada e interrompida, parecia d'esta vez tornar caracter sério, e já as mãos do Suíço

tremião convulsamente apertando a lança; alguma cousa ia acontecer, quando, de repente, voltando a cabeça, o cavalheiro grita: Oh! quem vem acolá?

Um pagem, montado em soberbo cavallo, não inglez, porque n'aquella epocha as pernas finas não andavão em moda, corria á todo o galope.

O caminho estava molhado da chuva; a grade só estava entre-aberta. Houve uma hesitação; o suíço foi abrir a grade. O pagem deu de esporas; o cavallo, só peado um momento, quiz retomar a carreira faltou-lhe o pé, escorregou na terra humida, e cahio.

E' pouco commodo, perigoso até, levantar um cavallo. Não ha chicote que o consiga. O movimento das pernas do animal, que faz o que pode, é extremamente desagradavel, sobretudo quando tambem se tem uma perna debaixo da sella.

Todavia o cavalheiro, sem reflectir nos inconvenientes, veio em socorro e andou tão bem que em breve estava o cavallo levantado e o cavalheiro desembaraçado. Mas este achava-se coberto de lama e só podia andar coxeando. Transportado para a casa do suíço, sentou-se na poltrona.

—O senhor, disse elle ao cavalheiro, é provavelmente gentilhomem. Prestou-me um grande serviço, mais ainda pode fazel-o maior. Isto é uma mensagem do rei para a senhora marquezia e é urgente, como o senhor pode avaliar, pois que, eu e o meu cavallo, para virmos mais depressa, quasi levamos o diabo. Comprehenda que, assim sujo e estropeado não poderei levar este papel, porque para isso seria preciso que me carregassem. Quer ir em meu lugar.

E ao mesmo tempo tirava da algebeira um grande sobrescripto com arabescos dourados e o sello real.

—De boa vontade, senhor, respondeo o cavalheiro tomando a carta.

E, ligeiro como uma flecha, elle partio correndo.

Augusto Gabriel.

(Continúa)

Lamentos.

A' meu amigo J. J. F. de Carvalho

Desgrunde as zans romantando á vida
Alma que ancias pelo eterno gozo.

Souza Paris.

Eu tenho meo peito
Tão mal por effeito
De muito soffrer;
Que gemo de dores
E soffro os rigores
Do meo padecer.

Amei. Fui amado ?
Pergunto ao passado
— Não sabe dizer;
Mas sabe que a sorte
Errante e sem norte
Rebrou-me o praser.

Venturas, delicias,
Da amante as caricias
Gozei no passado,
Fui galho florido
Mas hoje calido
De rastro levado.

Out'ora meus sonhos
Alegres, risinhos
Glorião-me a vida;
Mas hoje a esperança
Não acha bonança
Divaga perdida.

Por isso é que gemo,
Que chora, que tronio
Min' alma abatida,
E peço que a sorte
Transforme-se em morte
E roube-me a vida.

L. . . .

Positivismo.

(Parodia à *Bolada do desesperado*, de H. de
Murger.)

I

— Pan, pan, pan... — Quem bate à porta ?
— Sou eu, senhora. — Quem és ?
— Um poeta que os seus hymnos
vem cantar a vossos pés,
às vossas graças cantar...
— Farta de versos estou;
mendigo, podes passar.

II

— Pan, pan, pan... — Quem bate à porta ?
— Sou eu, senhora. — Quem és ?
— Um infeliz que vos ama,
que vem pedir-vos lhe des-
siquer um précepe olhar...
— Farta de amores estou;
mendigo, podes passar.

III

— Pan, pan, pan... — Quem bate à porta ?
— Sou eu, senhora. — Quem és ?
— Seja quem for... não me amole...
trago duzentos mil reis;
não amo nem sei cantar...
— Esta casa é toda tua;
fidalgão, podes entrar.
Rio—1873.

Arthur Azevedo.

CHRONICA.

Lembrança feita.—Casamento de Venceslão.—Bailes do Porto.—
Reapparecimento de Thomé dos Feitos.—Espectaculo no
theatrinho do quartel.—Agradecimento ao Dr. Miranda.

Bons dias, amabilissimos leitores.

Esta semana não foi avára de aconteci-
mentos. Quando eu andava todo santo

dia a cata de novidades ellas fugiam de
mim como se foge de um credor imperti-
nente, hoje estou tão cheio que não sei a
qual dê a preferencia para principiar a mi-
nha chronica. Sabem o que fiz para isso ?
Pouca cousa: Deitava-me todos os dias as
6 da tarde, accendia o meu cachimbo e
mandava o Tobias balançar-me. (Tobias é
um moleque;) dormia; acordava no outro
dia as mesmas horas para principiar o
mesmo processo.

Que tal o meu pensamento ? Se eu con-
tinuasse a ter lembranças destas talvez
ainda viesse a descobrir fios electricos
mais pressurosos que os actuaes, e pro-
vavelmente me viria por ali uma com-
menda sem ser preciso andar de cima
para baixo, subindo e descendo escada
de cantaria, como fazem por ali tantos
que tenho visto *com meus olhos que a
terra fria ha-de comer*.

Ah! politica, politica, senão fosses do
sexo feminino eu virava-te agora do avesso,
mas, infelizmente, pertences a esse
sexo de quem eu respeito tudo, seja pes-
soa ou cousa.

A fallar em politica, sabem, queridos
leitores, que o nosso Venceslão está
quasi não quasi a prender-se nos laços
matrimoniaes.

Caso estupendo e digno de memoria
eterna!

Quem diria... é verdade que a pe-
quena parece que já era destinada para
elle, tem mesmo uns *rentos* de senhora
Venceslão; contudo não foi por isso que
elle não necessitou de manejar com todas
as suas molas seductivas. Fallou-lhe nos
lucanus do assucar com aquella eloquen-
cia que lhe é conhecida, e a menina dei-
xou-se possuir de um enthusiasmo tal
que sem mais preambulos concedeu-lhe a
mãozinha que o nosso Venceslão nessa oc-
casão cobrio de ardentes beijos.

Quanta poesia perdida!

Eu, que presenciei esta scena patheti-
ca, si fosse um Diogo Freitas toria apro-
veitado-a e deixaria passear a minha mu-
sa por sobre esses dois *typos exóticos d'
ultima hora*, mas, para infelicidade dos
noivos, Apollo nunca gostou de mim e
por consequente não houve verso; fiz, po-
rem, um discurso que, si o ouvisses, lei-
tor, dirieis que tinha sido forjado por um
J. Jorge—tão bonito foi elle!

A vista, pois, disto é do presumir que
assistreis as bodas do Venceslão, e por
que elle prometteu-me que mandará con-
vites a todos os leitores do *Domingo*.

—O carnaval bate-nos à porta e o Por-
to prepara-nos dous magnificos bailes de

mascaras nos salões espaçosos do seu
hotel. Segundo me informou pessoa auto-
risada serão os melhores que havemos de
ter; nem pode deixar de assim ser, ten-
do a testa delles o Porto que está habilitadissimo nestas cousas. Alem dos bailes
ha tres premios bonitos que serão dados
ao mascara mais ratão, ao mais bem ves-
tido e ao mais espirituoso. Ai meu tem-
po de rapaz; assim mesmo, apesar de
viuvo e carregado de filhas, si não fosse o
reumatismo eu *metteria a catra e daria
tanta massada*, que um dos premios vi-
ria commigo, porque, na verdade, a pe-
chincha não é má.

Ide, pois, aos bailes do Porto, e si a
cousa for vantajosa reparti com o vesso
chronista que foi quem vos aconselhou.

—Reappareceu nas columnas do *Paiz*
o chistoso *Tomé dos Feitos*; seja bem
vindo para diminuir um pouco a monoto-
nia em que vivemos aqui.

—No dia 24 do mez ultimo houve um
espectaculo dramatico no theatrinho feito
no quartel as expensas dos officiaes e
cadetes do 5.º batalhão de infantaria. O
drama exhibido por elles foi o *Demonio
Familiar* do nosso festejado Alencar. O
desempenho esteve magnifico, quem o
visse não diria que era de curiosos. Acei-
tem os Srs. officiaes e cadetes nossos
emhoras, e continem por esse excellent
meio a cultivar suas intelligencias.

—A redacção do *Domingo* pede-me para
agradecer ao Sr. Dr. Francisco Manoel
Guedes de Miranda o exemplar da these
que sustentou perante a faculdade de me-
dicina do Rio de Janeiro e que versa so-
bre a urethrotomia.

Basta de chronica.

Nisto Calisto.

Expediente.

Recebemos o *Liberal Victoriense* gazeta
politica e litteraria de Santo Anião, pu-
blicada na Victoria.

O *Resendense* periodico imparcial publi-
cado em Resende, provincia do Rio de Ja-
neiro.

A *Patria* periodico politico e litterario,
publicado em Belém.

Agradecemos as illustradas redacções e
em troca lhes enviaremos o nosso *Domin-
go*.

Aviso.

Quando principiámos a gosar da pro-
priedade deste jornal, esquecemo-nos de
declarar que nos tinha sido ella offere-
cida pelo nosso particular amigo o Sr.
Arthur Azevedo, o que fazemos agora, pe-
dindo aos Srs. assignantes que nos rele-
vem esta falta.

Joaquim Domingues de Azevedo.

Maranhão—Typ. do *Paiz*: Imp. M F V Pir 2